



As múltiplas
personas de Jean-
Jacques Rousseau
em *Os Devaneios do
Caminhante
Solitário*



Vera Helena Saad Rossi



RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar o simulacro do *Eu* que se inscreve em uma narrativa. Para tanto escolhemos a *Os Devaneios do Caminhante Solitário* de J. J. Rousseau, que em confronto com a autobiografia do autor, *Confissões*, enriquece a complexidade do narrador.



ABSTRACT

The objective of this article is to analyze the *I* simulacrum which inscribe himself into a narrative. Thence we choose *Daydream of a Solitary Stroller* J.J. Rousseau, which in comparison to the author autobiography, *Confessions*, enriches the narrative complexity.



PALAVRAS-CHAVE

Autobiografia - Rousseau - Os
Devaneios Confissões do Cami-
nhante Solitário - Confissões



KEY WORDS

Autobiography - Rousseau -
Daydream of a Solitary Stroller
- Confessions

INTRODUÇÃO

É difícil, diria que quase impossível, visualizarmos a imagem do filósofo Jean-Jacques Rousseau dissociada do músico, compositor de ópera-bufa, viajante precoce, que saiu de casa ainda adolescente, e também do perseguido pela sociedade do século XVIII.

Decerto porque, além de se debruçar sobre o mundo com o intento de estudá-lo vorazmente, Rousseau também olhou a si próprio, e produziu obras autobiográficas, nas quais se pintou em matizes que fundem a pessoa pública e a privada.

Este influente pensador, autor de **Emílio** e **Do contrato social** passa a ser, outrossim, um J. J., um “pobre Jean-Jacques”, ou mesmo o Rousseau, porém, o Rousseau protagonista de uma vida posta em cena; vida esta que não se sabe se pertencente de fato àquele Jean-Jacques Rousseau que nasceu em Genebra, em 1712, filho

de Isaac Rousseau e de Susanne Bernard, e que morreu em 1778, em Ermenonville.

Já no prefácio de sua obra **Confissões**, o autor avisa: “Este é o único retrato de homem, pintado exatamente segundo o natural e em toda a sua verdade, que existe e que provavelmente existirá jamais.”

No entanto, este homem “pintado exatamente ao natural” se confunde, na obra, entre narrador e personagem, uma vez que o EU, em certos momentos passa a ser narrado na terceira pessoa do singular. O próprio nome utilizado por Rousseau para se auto-denominar sugere o uso de uma máscara, uma dissimulação.

Não obstante Rousseau não ser um pseudônimo, o autor lança mão de duas iniciais, J.J., ao chamar a si mesmo, conduzindo seu nome a várias possibilidades de denominação, ou até mesmo a nenhuma. Ou ainda, refere-se a si próprio como “pobre Jean-Jaques”, confundindo-se a inúmeros pobres Jean-Jacques. Até mesmo quando se nomeia Rousseau, este se embaraça a um outro Rousseau, um grande poeta citado pelo filósofo.

Diante deste complexo Eu que se mistura a outros nomes, nos deparamos com uma outra obra ainda mais intrincada, **Os devaneios do caminhante solitário**, objeto do presente estudo. Nesta, há uma maior nebulosidade a respeito de quem se escreve, posto que não se trata de uma autobiografia¹ que registra os anos consecutivos de uma vida linear, mas de devaneios, fragmentos de lembranças, “sonhos”, segundo as palavras do próprio Rousseau, arranjados infinitamente pelo caleidoscópio de sua pena.

A obra divide-se em dez “caminhadas”, sendo a primeira contextualizada como pertencente a “outono de 1776”, a segunda ao

1 Apesar de o próprio Rousseau considerar a obra *Os devaneios do caminhante solitário* um apêndice da obra *Confissões*, uma obra autobiográfica, é mais pertinente a definição de auto-retrato, uma vez que o EU que se escreve em *Devaneios* é outro, conforme frisa Jean Starobinsk ao constatar que toda a escrita sobre si de Rousseau difere da anterior. Portanto, a obra também é outra, e, por conseguinte, completa, e não apenas um complemento de *Confissões*.

“inverno de 1776-1777, a terceira, quarta, quinta, sexta e sétima, à primavera e ao verão de 1777, a oitava, a “fevereiro de 1778”, a nona, a “março de 1778” e a última, é indicada como inacabada, porém, em uma data precisa “o dia 12 de abril de 1778”, justamente esta que se remete a uma lembrança longínqua. Segundo o autor naquela data completava 50 anos que ele conhecera a Senhora de Warens, com quem passou momentos dos quais se lembra com “alegria e enternecimento”. Rousseau chega a enunciar: “passei setenta anos na terra e vivi sete”, em atribuição a esta época.

DEVANEIOS OU RÊVERIES

É de se perguntar, por que devaneios e não diário ou memórias uma vez que Rousseau (1995, p. 26) escreve, diariamente, durante um período contínuo, de 1776 a 1778, as lembranças de suas contemplações:

Os lazeres de minhas caminhadas diárias foram frequentemente preenchidos por contemplações encantadoras das quais tenho o desgosto de ter perdido a lembrança. Fixarei pela escrita as que poderei ter; cada releitura me devolverá sua alegria.

Moretto (1995, p. 13) cita Marcel Raymond, em **Vérité et poésie**, ao conferir ao termo *rêverie* o sentido do verbo *rêver* que se explica pela suposição de um latim *reexvagare* (“vagabundear de dentro para fora”), o que remete a palavra à idéia de vagabundagem interior, de abandono, do descanso de pensamento, da qual Rousseau se apropria ao chamar suas anotações de devaneios.

Em contrapartida, a obra parece também engendrar uma outra acepção da palavra, mais próxima ao sonho, ou mesmo, à visão onírica do interior das coisas tal qual Bachelard (1990, p. 7-8) a define.

A vontade de olhar para o interior das coisas torna a visão

aguçada, a visão penetrante. Transforma a visão numa violência. Ela detecta a falha, a fenda, a fissura pela qual se pode violar o segredo das coisas ocultas. A partir dessa vontade de olhar para o interior das coisas, de olhar o que não se vê, o não se deve ver, formam-se os devaneios tensos, devaneios que formam um vinco entre as sobran-celhas. [...] E o ser que sonha com planos de profundidade nas coisas acaba por determinar em si mesmo planos de profundidade diferentes.

Rousseau (1995, p. 32) olha para o interior das coisas, e determina em si planos de profundidades diferentes.

Enfim, após ter examinado detalhadamente várias outras plantas que via ainda em flor e cuja vista e catalogação, que me eram familiares, contudo sempre me davam prazer, abandonei pouco a pouco essas pequenas observações para me entregar à impressão não menos agradável, mas mais tocante, que me dava conjunto de tudo aquilo. Havia alguns dias, acabara-se a vindima; os visitantes da cidade já se haviam retirado; os camponeses também deixavam os campos até os trabalhos de inverno. O campo ainda verde e vicejante, porém desfolhado em parte e já quase deserto, oferecia por toda a parte a imagem da solidão e da aproximação do inverno.

Quando se refere ao campo ainda vicejante, é como se Rousseau olhasse para si próprio, descrevendo-se como desfolhado em parte e já quase deserto, que oferece por toda a parte a imagem da solidão e da aproximação do inverno.

Igualmente, Rousseau (1995, p. 31) enriquece o campo semântico da palavra devaneio e, concomitantemente, obnubila os fatos narrados, quando une passado e presente, por contemplações lo-cupletadas por acontecimentos pretéritos e sentimentos atuais.

Assim, para me contemplar a mim mesmo, antes de meu declínio, é preciso remontar pelo menos alguns anos, ao tempo em que, tendo perdido toda a esperança sobre a terra e não encontrando nela mais alimento para meu coração, acostumava-me pouco a pouco a nutrir de sua própria

substância e a procurar todo seu alimento dentro de mim. (...) Em meio a tantas riquezas, como manter um registro fiel? Querendo lembrar tantos doces devaneios, em lugar de descrevê-los, recomeçava-os.

Estas contemplações citadas por Rousseau podem ser situadas ao *tempo no estado puro* de Gerard Genette, em que há a fusão de um instante presente e de um instante passado, o contrário do tempo que passa, o *extratemporal*, a *eternidade* (GENETTE, 1996, p. 43).

O EU EM CENA

O délfico “conhece-te a ti mesmo” parece delinear o pensamento de Rousseau. O conhecimento de si para ele não é um problema, é um dado, de acordo com Starobinsk (1992, p. 187), o qual corrobora sua assertiva com as palavras de Jean-Jacques em Confissões: “Passando minha vida comigo, devo conhecê-lo.”.

Destarte, nota-se a incessante busca pelo auto-conhecimento evidenciada e ainda mais complexa e difícil em **Os devaneios do caminhante solitário**, uma vez que Jean-Jacques mergulha em seu delírio e perde seus vínculos com os homens, conforme pondera Starobinski (1992).

Por conseguinte, há uma quase obsessiva concentração em um eu, que, para De Man (1996, p. 188), é particularmente censurado e conduz “a um refinamento de auto percepção que coloca Rousseau na principal tradição da literatura pós-agostiniana”.

Na realidade, há uma grande probabilidade, ratificada na própria obra, de a escrita do EU de **Os devaneios do caminhante solitário** se aproximar mais à de Montaigne, em que o sujeito somente é um EU porque se escreve. Apesar de atribuir o exame severo e sincero de si mesmo à sua solidão, Rousseau admite

que, pelo fato de as contemplações de suas caminhadas diárias terem sido esquecidas anteriormente, as que estariam por vir seriam fixadas pela escrita, e cada releitura o devolveria sua alegria.

Ademais, Rousseau (1995, p. 27) se compara a Montaigne: “[...] minha empresa é a mesma de Montagne (sic), mas com uma finalidade totalmente contrária à sua: pois ele não escrevia seus ensaios senão para os outros e eu não escrevo meus devaneios senão para mim”.

Encontramos, portanto, um EU que se posiciona complementemente solitário, como já o demonstra a primeira frase da obra, “Eis-me, portanto, sozinho na terra, tendo apenas a mim mesmo como irmão, próximo, amigo, companhia”, que restringe sua escrita para si, e, que, igualmente, tem a si mesmo como irmão próximo, amigo, companhia, enfatizando sua auto-suficiência em detrimento dos outros.

Este EU também situa-se “sozinho na terra”, ou seja, em um espaço vago e que posteriormente, é sopesado como estranho e não pertencente ao narrador:

Estou na terra como num planeta estranho, onde teria caído daquele em que habitava [...]

mas, ao mesmo tempo, delimitado às folhas do papel, “estas folhas não serão de fato senão um informe jornal de meus devaneios”, “[...] portanto estas folhas [...]

No entanto, a partir do momento em que este “solitário” EU é localizado nas folhas, e transportado para a linguagem escrita, surge outro discurso além do EU, o do MIM, os Rousseau (1995, p. 27) chama de Nós.

Consagro meus dias a estudar-me a mim mesmo e a preparar de antemão as contas que não tardarei a dar a mim mesmo. Entreguemo-nos inteiramente à doçura de conversar com minha alma, já que é a única coisa que os homens não me podem tirar.

Ainda, no original, o EU se divide entre JE e MOI.

JE SUIS, C' EST MOI

Benveniste (1989) classifica o *Je* como um pronome nominal, imediatamente anteposto à forma verbal ou posposto na forma nominal, ao passo que o emprego da série *moi*, considerado um pronome autônomo, comporta uma variedade bem maior:

“Qui è là? Moi” ou “C’est moi” ou “moi, Pierre”, entre outros (BENVENISTE, 1989, p. 203). Em todos os casos, este pronome autônomo, segundo Benveniste, comporta-se como um nome próprio.

Observamos alguns exemplos do uso do *moi* na Quarta Caminhada, em que, justamente em tal passagem, Rousseau (1995, p. 56) revela a aversão pela falsidade a partir de suas próprias mentiras.

Moi dont l’horreur pour la fausseté [...] moi qui braverais
lès supplices [...] moi que lê remords d’um mensonge n’a
[...].

(Eu, cujo horror pela falsidade nada tem no meu coração que se lhe assemelhe, eu que enfrentaria suplícios se, para evitá-los, fosse preciso mentir, por qual estranha inconseqüência mentia assim com o coração alegre, sem necessidade, sem nenhum proveito e por qual inconcebível contradição não sentia o menor pesar, eu, que o remorso de uma mentira não cessou de afligir durante cinqüenta anos?) [Tradução de Fúlvia Maria Luiza Moretto]

O discurso do *Moi* que tem horror pela falsidade, do *Moi* que enfrenta suplícios para não mentir, do *Moi* que sofre o remorso de uma mentira por durante cinqüenta anos, confronta-se, na frase seguinte, com o discurso do *Je*, (“Je ne me suis jamais endursi sur mes fautes”), que nunca será endurecido pelos seus erros, pois que seu instinto moral o conduziu corretamente.

EU CONTRA OS OUTROS

Benveniste (1989) pontua que, enquanto relação individual, a enunciação pode se definir em relação à língua, como um processo de apropriação. O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor, e imediatamente, quando assume a língua, ele implanta o *outro* diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro.

No que concerne **Os devaneios do caminhante solitário**, mesmo que tenha afirmado que escreve de si para si, em total solidão, a partir do momento em que se localiza nas folhas de papel, e apropria-se do discurso, os outros passam a o acompanhar, seja no enunciado: “[...] aprendi a conhecer melhor os homens apenas para melhor sentir a infelicidade em que me mergulharam [...]” (ROUSSEAU, 1995, p. 41); seja em “Se os homens se obstinarem em me ver completamente diferente do que sou e se minha vista excita sua injustiça, para que não me vejam é preciso fugir-lhes, mas não eclipsar-me entre eles” (ROUSSEAU, 1995, p. 88), entre muitas outras passagens.

Os outros permeiam o livro, até mesmo conduzindo o olhar do narrador, que os olha e olha para si e torna a olhá-los novamente, como em um espelho, onde a imagem sempre será mudada a cada olhar.

CONCLUSÃO

Quem é Jean-Jaques, será também Rousseau, o J.J. ou o caminhante solitário? Rousseau parte de um EU solitário que se confirma enquanto sujeito por intermédio desta solidão.

Entretanto, este mesmo EU se divide quando olha para si. Há um protagonista, este EU que se escreve, mas que se confronta com os outros e consigo próprio, em dicotomia com o caminhante solitário.

Destarte, há o Jean-Jaques, assim como há o Rousseau, assim como há o J.J., assim como há a pessoa pública e a particular. Rousseau apenas os organizou no caos de seus devaneios, ora confundindo-os ora difundindo-os.

Tal divisão de personas incita a questão da fidelidade do retrato pintado por Rousseau, citada na Introdução do presente trabalho. Como é possível pintar-se exatamente ao natural, se o que se pinta já não é natural, uma vez que se modificou quando em contato com o outro e consigo próprio?

Rousseau pintou-se, mas também os pintou, os quais, por sua vez, o pintaram novamente. Como retrato final pode-se delinear um rosto inacabado, tal qual sua última caminhada e sua obra autobiográfica, em que, segundo Starobinski, o ato de sentimento que funda o conhecimento de si não tem jamais o mesmo conteúdo e é indefinidamente renovável.





REFERÊNCIAS

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Os devaneios do caminhante solitário**. Tradução Fúlvia Maria Luiza Moretto. Brasília: Editora da UnB, 1995.

_____. **Confissões**. Tradução Fernando Lopes Graça. Lisboa: Relógio D'Água, 1988. vols. I e II

BACHELARD, Gaston. **A Terra e os devaneios do repouso**: ensaio sobre as imagens da intimidade. Tradução Ivonne Floripes Mantoanelli. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral II**. Tradução Eduardo Guimarães et. al. Campinas: Pontes, 1989.

DE MAN, Paul. **Alegorias da leitura**: linguagem figurativa em Rousseau, Nietzsche, Rilke e Proust. Tradução Lenita R. Esteves. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GENETTE, Gerard. **Figuras**. Tradução Ivonne Floripes Mantoanelli. São Paulo: Perspectiva, 1996.

MORETTO, Fulvia Maria Luiza. Introdução In: ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Os devaneios do caminhante solitário**. Brasília: Editora da UnB, 1995. p. 13

STAROBINSKI, Jean. **Jean-Jacques Rousseau**: a transparência e o obstáculo. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

A autora é Mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC/SP e Doutoranda em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP .